

Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas

Zilá Bernd

Por um conceito de deslocamento

Em Física, o deslocamento de um corpo é definido como a variação de posição de um móvel dentro de uma trajetória determinada. O deslocamento representa a porção da trajetória pela qual o móvel se deslocou. No espaço cartesiano, o vetor do deslocamento une o ponto de partida ao ponto de chegada. A palavra tem também o sentido de migração por perseguições ou violência (ex: *los desplazados*, na Colômbia) e, em psicologia, remete a um mecanismo subconsciente de defesa que faz com que um sujeito *desloque*, por exemplo, o objeto de seu afeto de um ser a outro.

Maria Belo, em verbete intitulado “deslocamento”, do *E-dicionário de termos literários*, lembra a utilização do conceito feita por Freud, na *Interpretação dos sonhos*, onde a figura do deslocamento é associada ao recalçamento. O deslocamento é, pois, no sentido psicanalítico, “a operação característica dos processos primários através da qual uma quantidade de afetos se desliga da representação consciente à qual estava ligada e vai ligar-se a uma outra que tem com a precedente laços de associação pouco intensos ou mesmo contingentes”¹. O exemplo fornecido é o apego de uma pessoa solitária por um cãozinho de estimação: verifica-se aí, segundo Belo, um deslocamento, uma passagem de uma associação natural (amor por um filho, por exemplo) a uma associação superficial e de aparência absurda.

O que é possível constatar é que, com base no princípio do Movimento, uma série incontável de conceitos se sucedem em tempos de pós-modernidade para tentar analisar a movência de autores, personagens, estilos, passagens temporais, espaciais e discursivas (muitas vezes radicais) que se observam em literatura, todas elas com um sentido positivo, pois se opõem evidentemente ao que é estático, imóvel, fixo, permanente, sólido, inquestionável. Parece que se privilegia, em uma era de natu-

¹ Belo, “Deslocamento”.

ral globalização, tudo o que se move, se desloca e flui. Para os críticos, comparatistas ou simplesmente estudiosos da literatura, a teoria propõe uma vasta panóplia de termos tais como: *flânerie* (Benjamin), movência, nomadismo (Glissant), errância, travessia (Guimarães Rosa), deriva, migração/migrância, entre-lugar (S. Santiago), entre-dois (Sibony), *braconnage* (S. Harel), liquidez (Bauman), deslocamento, *zapping* (Sarlo), passagens transculturais (Ortiz), desterritorialização (Deleuze e Gattari), percurso (Bouvet), entre outros. É neste sentido que seguimos uma tendência de colegas canadenses tais como Walter Moser, Patrick Imbert, Simon Harel, entre outros que lançam mão da denominação mais abrangente de Mobilidades Culturais, englobando de certo modo as múltiplas oposições ao que é fixo e imóvel (o cânone, as leis, o poder, as normas etc).

Mas se quisermos nos deter na noção de deslocamento, podemos nos valer da reflexão de Patrick Imbert que nos lembra que deslocamento só se torna um conceito eufórico na pós-modernidade, porquanto na modernidade tratava-se de um conceito carregado de nostalgia e até de mal-estar: “Para o espírito da modernidade, o deslocamento é disfórico, se não estiver enquadrado em estruturas fortes. As promessas que dominam são portanto as que são feitas no contexto de um território ligado a insituições definidas como protetoras”². Hoje, contudo, em tempos de pós-modernidade, a euforia se constrói sobre a legitimação do deslocamento. O teórico canadense refere que não se trata de negar a posse e a pertença a um território, mas de acrescentar a esses laços, o deslocamento. Território e deslocamento deixam de ser antitéticos, passando a ser complementares. De modo semelhante, os conceitos de territorialização e desterritorialização não devem ser vistos em termos de oposição binária, mas de passagens necessárias nos processos de construção identitária, pois desterritorializações são sucedidas por movimentos de reterritorialização que não apenas restauram o território cultural perdido, mas o enriquecem com elementos novos.

² Cf. texto original: “Pour l’esprit de la modernité, le déplacement est dysphorique s’il n’est pas encadré dans des structures fortes. Les promesses qui dominent sont donc celles qui sont faites dans le contexted’ un territoire lié à des institutions définies comme protectrices”, em “Legitimacy of Displacement and Displacements of Limits: A Postmodern/Poscolonial Canada in the Context of the Americas”, p. 102. (Tradução minha).

É oportuno encerrar esse limiar teórico, introduzindo o conceito de percurso, (*parcours*) que, como os demais aqui evocados, se constrói tendo por base o movimento, os rastros, os caminhos, as travessias. Rachel Bouvet³ define o percurso como essencial ao nomadismo, elemento primordial que se origina da mobilidade determinante da relação das populações nômades com seu meio ambiente. Diferentemente das estradas, bem demarcadas e eficientemente sinalizadas, os nômades só conseguem efetuar seus percursos (através de desertos ou de regiões do Grand Nord canadense cobertas de neves eternas), devido a uma grande experiência acumulada que garante o conhecimento dos locais perigosos, dos pontos de referência etc. Quando dos deslocamentos nessas condições desfavoráveis, criam-se signos que são necessariamente efêmeros como as pegadas, os rastros, destinados a se apagar, a desaparecer. Muitas vezes a memória dos lugares tem como suporte o canto, como na tradição aborígine australiana⁴, onde são o canto e a palavra que servem de demarcação dos lugares a serem percorridos. Segundo a autora, a noção de *parcours* é instigante na medida em que um percurso nos leva sempre cada vez um pouco mais além, nos trazendo também de volta aos mesmos lugares, “mas com um olhar diferente que multiplica as perspectivas, envolvendo as paisagens observadas em um turbilhão incessante”⁵.

Figurações do deslocamento

O segundo momento deste artigo corresponde ao objetivo de analisar duas das constelações (bacias semânticas) apresentadas no *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*⁶:

1. *Entre-lugar/travessia*, que abarca as seguintes figuras míticas: Barqueiro (*passeur*), Intérprete (guia), Estrangeiro, Exilado, Imigrante, Itinerante, Turista e Viajante (deslocamento dos mitos de Jasão e Ulisses);
2. *Metarmofose*, abrangendo os mitos: Bizango (do imaginário haitiano) Boto, Feiticeira, Lobisomem, Mackandal, Penélope, Vampiro e Zumbi.

³ Bouvet, “Du parcours nomade à l’errance: une figure de l’entre-deux”, pp. 35-50.

⁴ *Id.*, p. 37.

⁵ *Id.*, p. 48.

⁶ Bernd, *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*.

Se a análise da primeira constelação é evidente, pois todas as figuras se constroem a partir do foco do movimento, estando sua própria existência calcada nos deslocamentos, já a segunda envolve um processo de deslocamento que não se dá em termos da mobilidade espaço-temporal, mas em termos de passagem de um estado a outro, de transmutação de estado e/ou aparência, de transgressão e ultrapassagem de fronteiras.

Entre-lugar/travessia

No verbete “Itinerante (*promeneur*)”, Danielle Forget apresenta essa figuração do deslocamento por excelência como uma recorrência na literatura do Quebec, caracterizada por um constante movimento de construção/desconstrução identitária. Após analisar os romances *Nikolski* (Dickner, 2005), *Frontières ou tableaux des Amériques* (Audet, 1995) e *Le Premier jardin* (Hébert, 1988), apontando a recorrência de personagens itinerantes, conclui que a figura está associada à busca de indícios e de marcas identitários. “O itinerante é aquele que, no deslocamento pelo espaço que explora, é impulsionado em direção a um objetivo a ser atingido, mediante a realização de certas etapas. A carga semântica assim adquirida por esse duplo viés de forma e sentido orienta-se, em várias narrativas ligadas às Américas, para uma postura reconhecível, para tomar o termo correspondente à fonte etimológica da figura, ligada à identidade individual e coletiva”⁷.

Já no verbete “Barqueiro (*passeur*)”, Ana Lucia Paranhos analisa personagens que desempenham a função de mediadores, cujo papel é o de atravessar, transpor, fazer passar. A autora lembra o papel dos escritores migrantes do Quebec como atravessadores culturais (*passseurs culturels*), na medida em que efetuam constantes traduções da cultura de origem para a cultura de acolhida (a quebequense): “Os autores migrantes de diferentes origens são a expressão mesma do intercultural, são *passseurs culturels* de primeira importância. Emile Ollivier, escritor nascido no Haiti e que viveu durante muitos anos no Quebec, acredita que o migrante é moldado pelos lugares que percorre e atravessa e que o encontro entre o lá e o aqui torna-se possível por intermédio da ponte formada pelos escritores migrantes”⁸. É bastante rica a abordagem que vê no *passseur* a figura

⁷ Forget, “Itinerante”, p. 351.

⁸ Paranhos, “Barqueiro”, p. 34.

por excelência da tradução e do tradutor, aquele que coloca, através do deslocamento de sentidos, palavras e imagens, culturas em contato, situando-se como mediador no âmago da dinâmica cultural.

Foi possível flagrar nos verbetes sobre o “Viajante”, de nossa autoria, a reescritura de dois grandes mitos greco-latinos: Jasão e Ulisses. Interessante sublinhar a grande significação que esses mitos adquirem com o deslocamento da Europa para as Américas, que, com seus imensos territórios, parecem estar predestinadas a serem trilhadas em diversas direções. Sua inscrição literária remete, via de regra, à busca de definição identitária. Se de um lado, Ulisses simboliza o desejo de volta ao “país natal”, denotando sentimentos de fidelidade à pátria, amor à família e nostalgia dos tempos anteriores ao início da viagem, Jasão, o líder dos Argonautas, remete ao desejo de errância e vagabundagem.

Contrariamente a Ulisses, onde é a viagem de volta que conta, para Jasão e seus companheiros são os acontecimentos que se desencadeiam durante a viagem que importam. Assim, quando o grande poeta da Martinica, Aimé Césaire, consagrado como a voz maior da Negritude, escreve seu *Cahier d'un retour au pays natal (Diário da volta ao país natal)*, ele está se propondo a reescrever o mito do retorno (Ulisses), uma vez que era imperioso convocar “os que não tinham voz” a fazer uma volta à tradição cultural africana para conter a alienação reinante no Caribe francês, onde era a França quem ditava os rumos culturais a serem seguidos. Fazia-se necessária a volta à África como país natal da Negritude para que uma consciência negra pudesse ser forjada no espaço multiforme do Caribe e das Américas. Já no contexto do Quebec, na obra do escritor brasileiro radicado em Montreal há algumas décadas, Sergio Kokis, o que lemos é o elogio da errância e não do enraizamento, do sedentarismo ou do imobilismo em um só lugar, na medida em que a escritura dita *migrante* praticada por esse autor e outros seus contemporâneos se caracteriza por um deslocamento constante entre a cultura de origem (no caso de Kokis, a brasileira) e a do país de acolhida (o Quebec). Para ele, ambas devem dialogar incessantemente na trama narrativa, sendo que a busca de um estilo para o escritor migrante só pode ser conquistada no entre-lugar de dois ou mais substratos culturais. A reescritura do mito de Jasão revela sobretudo a concepção do autor sobre o processo identitário: ele o concebe como algo inacabado que se constrói e se desconstrói no processo de sua própria determinação.

Na literatura brasileira, encontramos igualmente exemplos de reescritura dos dois mitos. Em *Macunaima*, de Mario de Andrade, o leitor acompanha os intermináveis deslocamentos do herói de nossa gente em busca da Muiraquitã. Seu desejo de prolongar o mais possível o tempo da viagem, isto é, o tempo vivido no entre-lugar, adiando indefinidamente o retorno, corresponde à visada do autor, para o qual o processo identitário deve ser continuamente refeito. Já em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, Patrício Macário empreende uma necessária viagem de retorno à sua Itaparica natal, já que, encontrando-se imerso em um clima de francomania predominante nas altas rodas do Rio de Janeiro, sentiu necessidade de reencontrar a cultura afro-brasileira da Bahia, onde viveu em sua juventude, compartilhando o cotidiano e os rituais dos descendentes de escravos. A reencenação do mito de Ulisses visa preencher uma carência que é ao mesmo tempo afetiva e identitária, correspondendo essa viagem às entradas do país a uma tentativa do personagem de se confrontar com seus próprios demônios, visando a um reencontro com a cultura de origem.

Todos os mitos que integram a bacia semântica do entre-lugar apontam para a recorrência entre os escritores das três Américas de se assumirem como tradutores transculturais, procurando repertoriar zonas de contato e alargar o espaço da cultura regional ou nacional com o intuito de vislumbrar novas possibilidades de compartilhar a americanidade.

Metamorfose

Seres que se transformam, adquirindo novas feições e mudando de aparência, enfim seres híbridos povoam o imaginário das Américas desde os tempos das descobertas. Observamos na iconografia de obras sobre a presença de europeus no Novo Mundo, ilustrações que referem a presença de animais monstruosos no espaço americano, firmando estereótipos ligados à selvageria reinante nas terras recém “descobertas”. Tais figuras como o bizango (espécie de camaleão voador) e o zumbi, no Haiti, a feiticeira, o lobisomem, o centauro, no pampa sulino, o boto, no contexto amazônico, o vampiro, entre outros, são figuras-símbolo da própria América e de suas sucessivas metamorfoses, em sua busca de afirmação de uma identidade cultural. A reiterada aparição nas literaturas das três Américas de seres que transcendem a forma humana para desempenhar distintos papéis está associada ao deslocamento e a formas de resistência, pois estas passagens constantes de um esta-

do a outro (como no caso do lobisomem, do boto, do zumbi etc.) dificultam a sua dominação e funcionam no imaginário popular como símbolo de libertação. Veja-se o caso do feiticeiro Makandal, imortalizado por Alejo Carpentier em *O reino deste mundo*⁹: ao ser condenado à morte por liderar os escravos para a fuga em massa, seus companheiros, que foram obrigados pelos senhores a presenciar a condenação, partiram sentindo-se vitoriosos, pois acreditavam no poder de transformação do líder que havia adquirido a forma de inseto a fim de continuar guiando-os para a luta contra o poder escravagista.

No verbete “Feiticeira”, de autoria de Nubia Hanciau, um dos mais eloqüentes dessa constelação, podemos acompanhar as transmutações dessa figura que povoa o imaginário europeu e que atravessou o Atlântico com os descobridores. Para a autora, as feiticeiras introduzidas na trama narrativa funcionam como metonímia do combate feminista de muitas escritoras que vêm no hibridismo dessa figura a expressão da trajetória de mulheres que tiveram rejeitado e condenado o papel positivo (como o de curandeiras, parteiras, conhecedoras do poder das ervas e da palavra) que tentaram desempenhar no curso da história.

Inscrita na temática da passagem, de um estado físico a uma nova forma, de um lugar a outro, “em que tudo é movediço, inapreensível e impalpável”¹⁰, a feiticeira sofre, na pena de escritoras da pós-modernidade, um deslocamento fundamental: de figura nefasta, que deve ser caçada e levada à fogueira por suscitar o mal, a feiticeira passa a ser associada às artes do fazer e do dizer, à liderança e à solidariedade para com os membros de sua comunidade. Desloca-se, pois seu papel periférico e marginal para o de um personagem iluminado, caracterizado pela insubmissão aos papéis inferiores destinados às mulheres, tornando-se hoje, em textos de autoras como Nancy Huston, Anne Hébert e Maryse Condé, por exemplo, em metáfora viva do feminismo.

Conclusão

Tentamos mostrar como a mobilidade cultural, em suas mais variadas formas, caracteriza o imaginário insubmisso das Américas. Mitos oriundos do imaginário greco-latino assumem, na travessia para o Novo Mundo, novas feições ao serem apropriados e subvertidos, passando a configurar o imagi-

⁹ Carpentier, *O reino deste mundo*. (1ª edição: 1949).

¹⁰ Hanciau, “Feiticeira”, p. 287.

nário coletivo das Américas da mesma forma que os que se gestaram no continente americano a partir da mestiçagem das diferentes culturas que negociaram sua presença, através de processos sucessivos de transculturação.

A utilização constante de estratégias de deslocamentos, passagens e transações culturais que se verificam na literatura e nas demais manifestações artísticas é fator predominante na configuração cultural americana.

A mobilidade cultural constitui-se em estratégia privilegiada para driblar a imposição das normas (lingüísticas e sociais), do poder (fixo e imóvel), da doxa e dos clichês que tendem a imobilizar os discursos em processos de engessamento e coagulação. Escritores, artistas e agentes culturais desenvolvem táticas cujo eixo é o movimento, deslocando a arbitrariedade da norma, rompendo paradigmas e aproximando culturas através de processos transculturais. O *trans* preside as mobilidades culturais através de jogos transculturais por estar associado à ultrapassagem, ao ir além, à travessia de territórios até então interditos (*braconnier*). Assim, as diferentes formas de mobilidade podem ocorrer no espaço, no tempo (viagens, formas romanescas estruturadas em várias épocas, com grandes saltos temporais), na passagem das vozes narrativas (dialogismo) e até no uso de metáforas que deslocam o sentido primeiro das palavras. Pierre Ouellet, em *L'esprit migrateur*¹¹, chama a atenção para a migração cultural, que se constitui em uma das formas de mobilidade, ocorrendo freqüentemente em obras dos escritores ditos migrantes e até de escritores que nunca viajaram, mas cuja obra se desloca constantemente através de inscrições intertextuais. Essas passagens caracterizam-se como práticas de mobilidade por excelência e apontam para uma “narrativa americana” que vem se desenhando no cenário interamericano.

Referências bibliográficas

- BAHIA, M. “Boto”, em BERND, Z. (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Editora da UFRGS, 2007. pp. 58-64.
- BELO, Maria. “Deslocamento”, em CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em www.fcs.unl.pt. Acessado em 27 fev. 2008.
- BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo editorial; Editora da UFRGS, 2007.

¹¹ Ouellet, *L'esprit migrateur*.

- BOUVET, R. “Du parcours nomade à l’errance: une figure de l’entre-deux”, em BOUVET, R.; CARPENTIER, A. e CHARTIER, D. (dir.). *Nomades, voyageurs, explorateurs, déambulateurs*. Paris: LHarmattan, 2006. pp. 35-50.
- DISPLACEMENT. *Wikipedia*. Disponível em <http://wikipedia.org/wiki/Displacement>. Acessado em 27 fev. 2008.
- FORGET, D. “Itinerante”, em BERND, Z. (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Editora da UFRGS, 2007. pp. 351-7.
- GIGUÈRE, S. *Passeurs culturels; une littérature en mutation*. Quebec: IQRC, 2001.
- HANCIAU, N. “Feiticeira”, em BERND, Z. (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Editora da UFRGS, 2007. pp. 382-8.
- HAREL, S. “Les métamorphoses du déplacement”, em _____. *Les passages obligés de l’écriture migrante*. Montréal: XYZ, 2005. pp. 79-83.
- IMBERT, P. “Legitimacy of Displacement and Displacements of Limits: A Postmodern/Poscolonial Canada in the Context of the Americas”. Congresso da ACSUS, 20-23 nov. 2003, Portland.
- _____. “Le local monoculturel et son déplacement”, em _____. *Trajectoires culturelles transaméricaines*. Ottawa: Les presses de l’Université d’Ottawa, 2004. pp. 121-31.
- LAROCHE, M. “Zumbi”, em BERND, Z. (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Editora da UFRGS, 2007. pp. 687-92.
- _____. “Bizango”, em BERND, Z. (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Editora da UFRGS, 2007. pp. 45-51.
- OUELLET, P. *Lesprit migrateur*. Montréal: VLB éditeur, 2006.
- PARANHOS, A. L. “Barqueiro”, em BERND, Z. (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas (DFMLA)*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Editora da UFRGS, 2007. pp. 31-6.

Recebido em novembro de 2007.

Aprovado para publicação em dezembro de 2007.